BASF Previdência
Construindo o futuro com você.

BASF Sociedade de Previdência Complementar

Informe Trimestral – Setembro 2026

ALOCAÇÃO

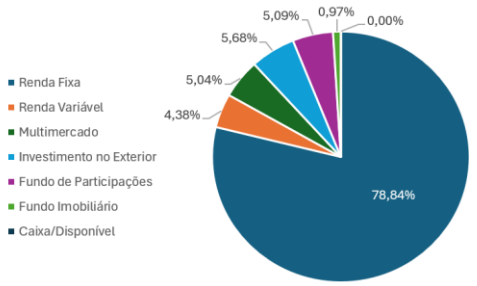
Segmento	Retorno no ano	Percentual do CDI
Renda Fixa	9,23%	88%
Renda Variável	7,88%	75%
Multimercado	7,94%	76%
Investimento no Exterior	7,07%	67%
Fundo de Participações	6,06%	58%
Fundo Imobiliário	-0,21%	-2%
Cota BASF	8,53%	81%

INDICADORES

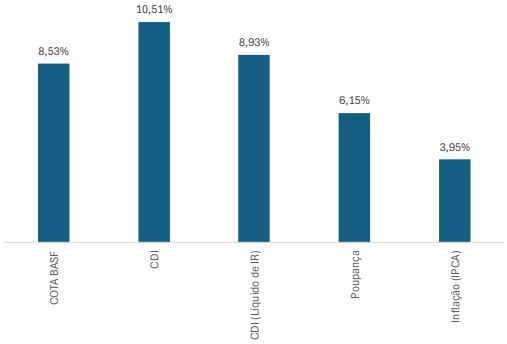
Indicadores	Até Set/2026	Expectativa 2026*
Selic (meta)	13,75%	13,50%
IPCA (12 meses)	4,58%	4,99%
Dólar (final do período)	R$ 5,1809	R$ 5,20

* Fonte: Relatório Focus, BACEN, base 25/09

Composição Patrimônial
R$ 2,472 bilhões



Retorno Acumulado em 2026



Comentários

Por mais um trimestre, o conflito no Oriente Médio entre EUA e Irã continuou em curso e apesar do estabelecimento de um memorando de entendimento entre os países no final de junho ter permitido que o Estreito de Ormuz reabrisse e o tráfego de embarcações comerciais atingisse o maior nível desde março durante julho, o conflito voltou a escalar nos meses seguintes, o que manteve o preço do barril de petróleo muito próximo, ou mesmo acima, de US$100 praticamente durante todo o período.

Porém, se durante o segundo trimestre, o conflito praticamente dominou as atenções dos investidores e influenciou quase que unanimemente os negócios dos principais mercados globais, no terceiro trimestre, a alta das taxas dos títulos dos EUA assumiu parte do protagonismo e dividiu as atenções com as notícias vindas do Oriente Médio. Os receios em relação ao alta preço do petróleo, em um ambiente em que a inflação ao consumidor dos EUA manteve-se persistente e acima da meta do Fed durante todos os meses do trimestre, somados ao desconforto em relação ao nível de endividamento dos EUA, resultaram em estresse nos mercados globais de juros e aumento das taxas dos títulos norte-americanos (com as taxas de 10 e 30 anos superando as máximas de mais de 20 anos em setembro).

Do lado da atividade e da economia real, o período foi marcado pela resiliência da economia norte-americana, mesmo que com alguma oscilação nos dados. A atividade econômica e o consumo permaneceram sólidos e o mercado de trabalho se recuperou em setembro com a criação de vagas bem acima do esperado (e baixa taxa de desemprego, em 4,1%), após um início de trimestre mais fraco. O lado ruim de uma economia forte, ainda mais em meio a um cenário de pressão de preços de energia com o conflito no Oriente Médio, é que a inflação não encontra espaço para ceder, o que aconteceu, e mesmo que possa apresentar alguma melhora pontual em algum mês em comparação às expectativas de mercado (como foi em julho), ela permanece em terreno incômodo e, no caso dos EUA, insistentemente acima da meta do Fed (em setembro, 3,4% contra 2%, no acumulado de 12 meses).

Diante disso, o Banco Central norte-americano iniciou um novo ciclo de alta dos juros, elevando a taxa básica em 0,25% para o intervalo entre 3,75% e 4,00%, indicando, ainda, por meio dos chamados “dots” (previsões dos diretores do Fed) mais uma alta ainda este ano, e manutenção dessa taxa ao longo de 2027, com quedas somente a partir de 2028.

Sem evoluções no conflito no Oriente Médio e com os dados de atividade dos EUA mantendo uma boa forma, com equilíbrio no mercado de trabalho e consumo das famílias em bom número, os movimentos nas taxas de juros norte-americana foram um assunto central, principalmente nos meses de agosto e setembro. Após a

intervenção do Tesouro dos EUA ter derrubado as taxas dos títulos longos, os juros voltaram a subir em setembro, registrando recordes de duas décadas, o que enfraqueceu as bolsas mundiais. Por outro lado, a resiliência da economia norte-americana, os bons resultados das empresas e a força dos negócios envolvendo o setor de Tecnologia e IA, mesmo com volatilidade no período, contrabalançaram o movimento de baixa causado pelos juros. Como resultado, o trimestre terminou com alta de 2,03% do S&P500 e de 1,60% do MSCI World.

No Brasil, o período foi marcado pela influência do calendário eleitoral sobre os mercados domésticos. À medida que outubro se aproximava, os mercados domésticos assumiram comportamento próprio e se desvincularam ainda mais do cenário internacional.

Do lado da economia real, os dados na margem continuaram mostrando moderação e perda de dinamismo da atividade. Considerando os números divulgados no período, o Varejo apresentou recuo tanto no índice restrito como no ampliado (com oscilações dento do trimestre), os Serviços com ajuste sazonal registraram estabilidade e permaneceram próximos aos níveis de 2025 e a Indústria apresentou dois meses de recuo e o último com leve recuperação (também em termos dessazonalizados). Já o mercado de trabalho voltou a registrar bons números após um primeiro trimestre de certo desaquecimento (e dados de julho mais fracos), com o Caged indicando a criação média de 120 mil vagas de trabalho e a taxa de desemprego (PNAD) estável em 5,4% (com ajuste sazonal).

Do lado da inflação e política monetária, o IPCA apresentou comportamentos distintos nos meses, ora abaixo das estimativas, ora acima, mas permaneceu de forma persistente acima da meta estabelecida pelo CMN de 3% (índice divulgado em setembro, referente a agosto, marcou 5,13% em 12 meses). Adicionalmente, apesar das expectativas para a inflação no futuro terem parado de se deteriorar, elas se estabilizaram ainda em um nível alto, o que não permitiu ao COPOM aumentar a intensidade dos cortes na Selic, diminuindo-a para 13,75% após dois cortes de 25 pontos base nas duas reuniões do período.

Porém, os dados correntes da economia, inclusive aqueles referentes às contas públicas, que continuaram apresentado importante deterioração (com a Dívida Bruta do Governo Geral atingindo 82,9% do PIB em agosto, alta de 5,7p.p. em 12 meses), foram perdendo relevância para os mercados domésticos quanto mais o trimestre se aproximava do fim (e o pleito eleitoral se aproximava). Nesse contexto, o mercado intensificou a avaliação de diferentes cenários para a condução da política econômica, movimento que contribuiu para a melhora do desempenho dos ativos domésticos ao longo do trimestre.

Assim, o trimestre terminou como o de segunda melhor performance no ano para a bolsa de valores, com importante alta dos principais índices de ações (Ibovespa 8,32% e IBr-X 8,22%), mas novamente com grande influência dos ganhos registrados pelos papéis de empresas do Setor de Óleo e Gás, principalmente a Petrobras (em conjunto subiram cerca de 33% no trimestre, lembrando que a participação no índice das ações ON e PN é de cerca de 16%). Na renda fixa, por outro lado, o trimestre foi o melhor do ano, com a performance dos títulos atrelados ao IPCA sendo o destaque (5,8%, representados pelo IMA-B), embora os títulos prefixados também tenham registrado um período de importante valorização (4,03%, representados pelo IRF-M).